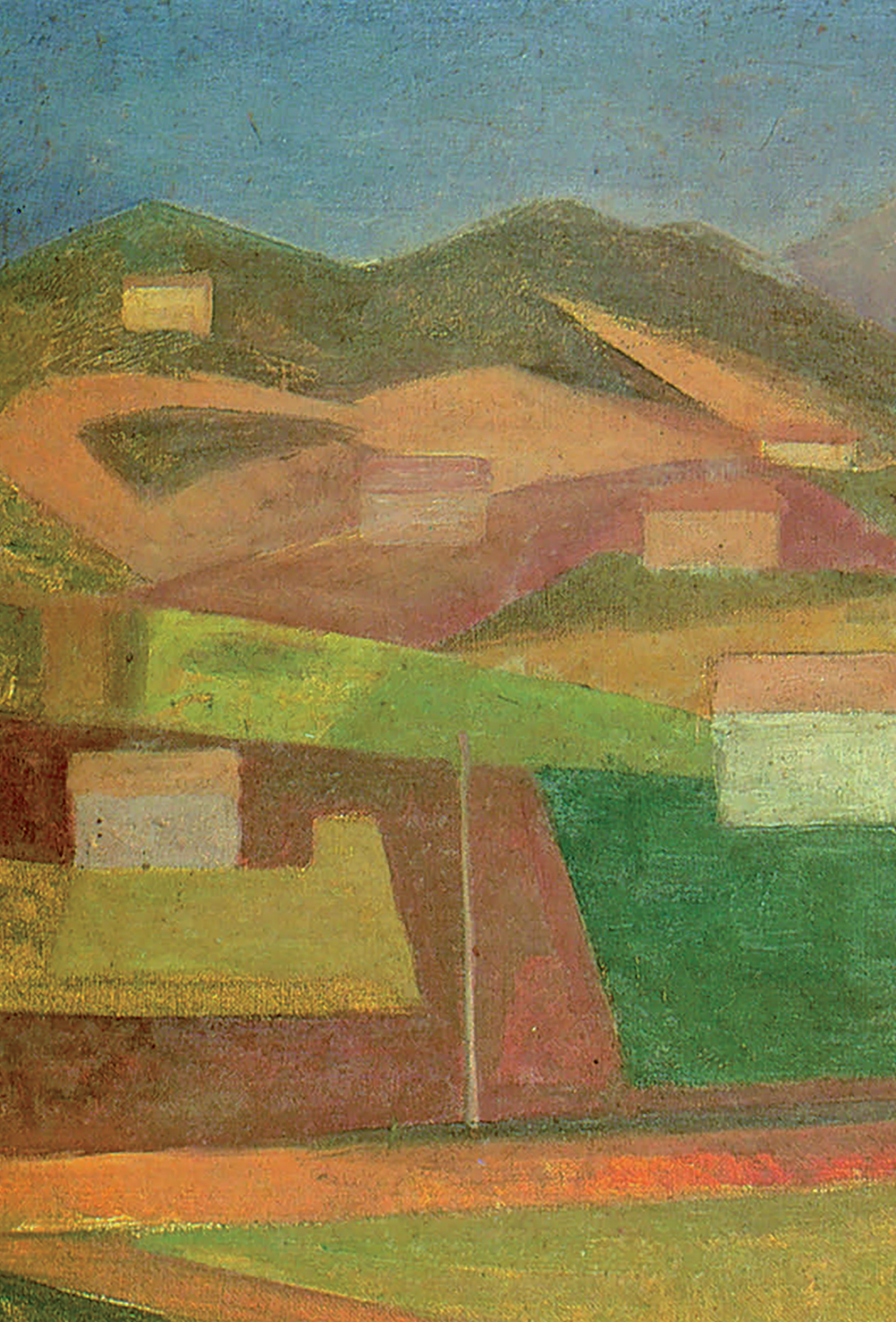
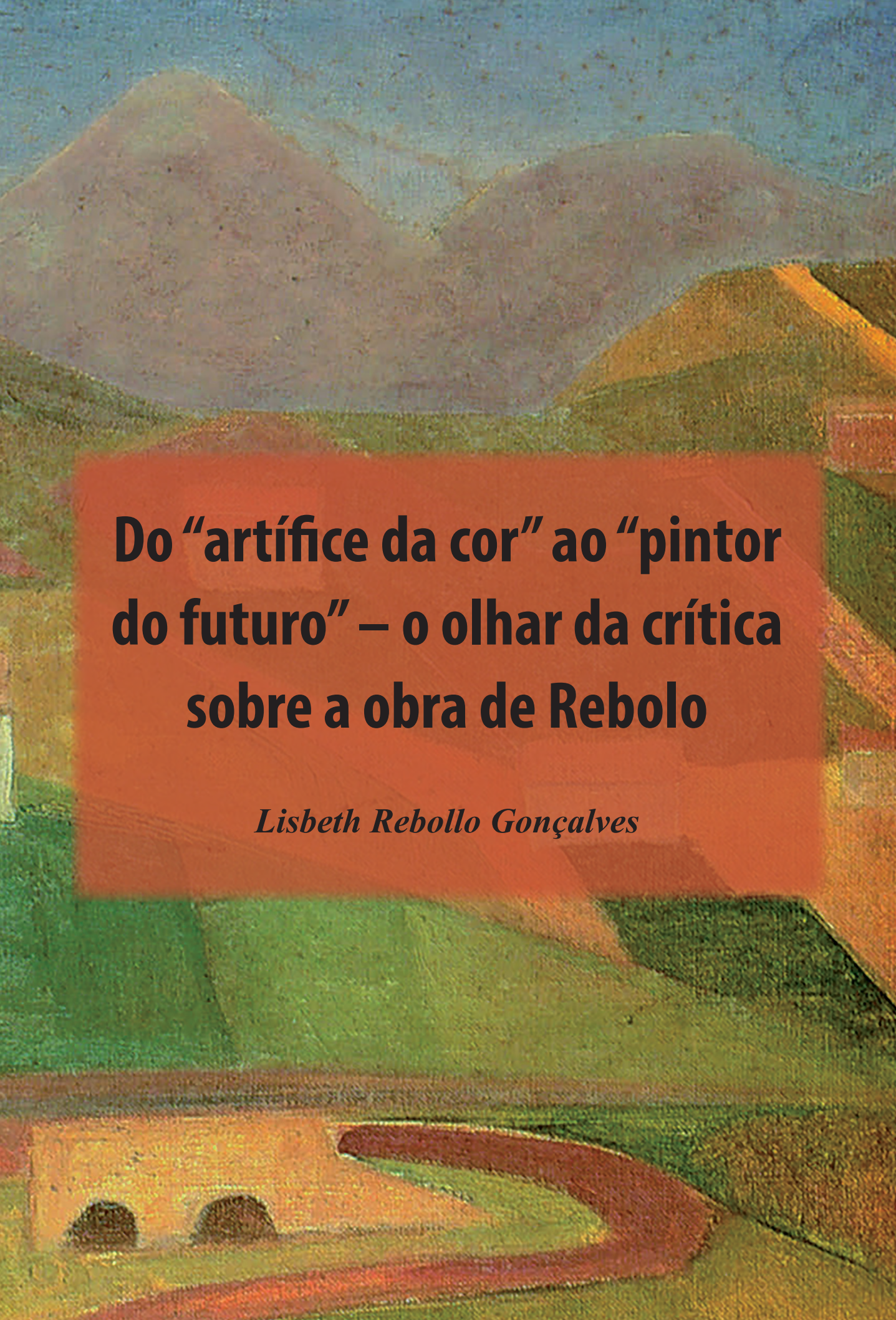


arte





Do “artífice da cor” ao “pintor do futuro” – o olhar da crítica sobre a obra de Rebolo

Lisbeth Rebollo Gonçalves

A data dos 120 anos de nascimento do artista Francisco Rebolo, neste ano de 2022, motivou alguns acontecimentos importantes: exposições, realização de documentação fílmica de sua obra, *lives* onde se abordou o cenário cultural dos anos 1930 e 1940 e a trajetória do artista. A **Revista USP** se junta a este momento, homenageando a memória do artista, ao convidar-me para redigir um texto sobre sua presença no cenário do tempo em que viveu.

Considerarei que seria interessante, para o leitor, acompanhar-me na observação em leituras da crítica de arte que analisaram a presença do artista na cena cultural e foram construindo uma interpretação sobre a sua obra. A ideia é observá-lo a partir de sua primeira participação em mostra coletiva dos anos 1930 indo até 1973, quando se dá a primeira retrospectiva de sua produção e ainda estão presentes no cenário da arte muitos dos críticos que o acompanharam

desde o início da trajetória, retomando sua leitura à luz da mostra retrospectiva.

Vamos, então, começar pelo ano de 1936, na ocasião em que Rebolo se apresenta, pela primeira vez, em exposição coletiva. Nesse ano, Rebolo participa dos salões Paulista e Nacional de Belas Artes (este, no Rio de Janeiro, então a capital do país). Estes eram os únicos espaços públicos acessíveis para os jovens procedentes de uma camada social não privilegiada, em início de carreira. Nesse ano, também, em artigo não assinado da *Revista Cultura*, o articulista observa, em suas telas, uma “tonalidade sem igual” e o destaca como “artífice da cor”.

Em 1937, 1939 e 1940, Rebolo expõe nas mostras da Família Artística Paulista, nas quais o grupo Santa Helena se constituiu, a partir de 1935, em seu ateliê, na Praça da Sé, como um núcleo fundamental. Nessas

LISBETH REBOLLO GONÇALVES é professora aposentada da Escola de Comunicações e Artes da USP e presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica).



Paisagem com casas, 1940. Óleo sobre tela, 73,5 x 92,5 cm. Coleção Mário de Andrade, IEB/USP

mostras da Família Artística e em 1938 e 1939, sempre junto com o grupo, participa do II e do III Salão de Maio.

Em 1939, Mauricio Loureiro Gama, no *Diário da Noite*, destaca-o como um dos artistas “que melhor refletem a quietude mansa e macia de nossas paisagens, sem rebuscamentos” e observa sua “sensibilidade apurada das cores”. Considera-o “um excelente paisagista, dos melhores do Brasil”. Na mesma ocasião, Paulo Mendes de Almeida diz: “Sua paisagem revela qualidades apreciáveis, suas tintas agradam, claras e delicadas que são. Não fixa contornos, deixando tudo num indefinido”.

Mário de Andrade, por sua vez, em *O Estado de S. Paulo*, de 3 de junho daquele ano, afirma: “Rebolo, tanto por suas naturezas-mortas como pelas suas paisagens, é já um ótimo artista. Além de suas qualidades técnicas muito seguras, sabe revelar uma alma já bem caracterizada, suave e cheia de delicada poesia”.

“Aquelas cores suaves, aqueles tons neutros dão aos seus quadros um encanto cheio de lirismo”, observa Tarsila do Amaral em artigo na *Revista Cultura*, de agosto de 1940, ano em que acontece a exposição da Família Artística Paulista, no Rio de Janeiro.

Rômulo Fiadini



Lenhadores, 1950. Óleo sobre tela, 61 x 50 cm. Coleção particular



Paisagem, 1956. Óleo sobre tela, 50 x 70 cm. Coleção particular

Em 1941, Rebolo comparece a três mostras de grande porte: o VI Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, o I Salão da Feira Nacional das Indústrias, ambos em São Paulo, e a Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, aí recebendo a Grande Medalha de Prata.

Em 23 de junho de 1941, em *O Estado de S. Paulo*, Sérgio Milliet escreve: “Rebolo trabalha em tons baixos com sensibilidade muito fina [...] a qualidade primordial dessa pintura de meios-tons é a interpretação sensível, a alma”. E prossegue: “[ele] nasceu e viveu nessa paisagem de arrabalde, conhece-a na sua mais perfeita intimidade, compreende-lhe a humildade e a quietude [...] Paisagista, antes de mais

nada, ele é um dos mais talentosos pintores do Grupo Santa Helena [...] Rebolo é um mestre do meio-tom”.

Osório César, em 1943 (*Folha de S. Paulo, s/d*), destaca que “sua personalidade se revela nos quadros: honestidade a toda prova”. Ainda nesse ano, o artista está presente na exposição “Antieixo”, realizada no Palácio Itamaraty, e no XLIX Salão de Belas Artes – Divisão Moderna, no Rio de Janeiro. E, em São Paulo, expõe com Nelson Nóbrega e Clóvis Graciano, na Galeria Itá. Nesse momento, salienta Sérgio Milliet: “Rebolo participou de todas as mostras coletivas onde estão os modernos. O pintor nos faz ver as coisas de modo diferente”. E sublinha a “sensibilidade finíssima de suas paisagens, a

Rômulo Fialdini



Bambus, 1959. Óleo sobre eucatex, 90 x 60 cm. Coleção particular



Suzy, 1959. Óleo sobre madeira, 39 x 29 cm. Coleção particular



Quiriri, 1964. Óleo sobre tela, 79 x 99 cm. Coleção particular

escala infindável de verdes terrosos, melan-
colia e silêncio em sua obra” (Catálogo da
mostra na Galeria Itá).

“Ele nos propõe a beleza de São Paulo”,
diz Roger Bastide. Assim como “Turner
com as brumas, Rousseau com as monta-
nhas [...] não nos será mais possível vagar
pelo subúrbio de São Paulo sem vê-lo atra-
vés dessa poesia [...] Rebolo enriquece nos-
sos olhos com uma sensibilidade nova”
(*Diário de S. Paulo*, 1943).

Lourival Gomes Machado analisa a con-
tribuição da geração artística de Rebolo
na construção da cena moderna, e aponta
papel fundamental dessa geração para a
consolidação da arte moderna no Brasil. Na
pintura do artista, ressalta “o sentimento

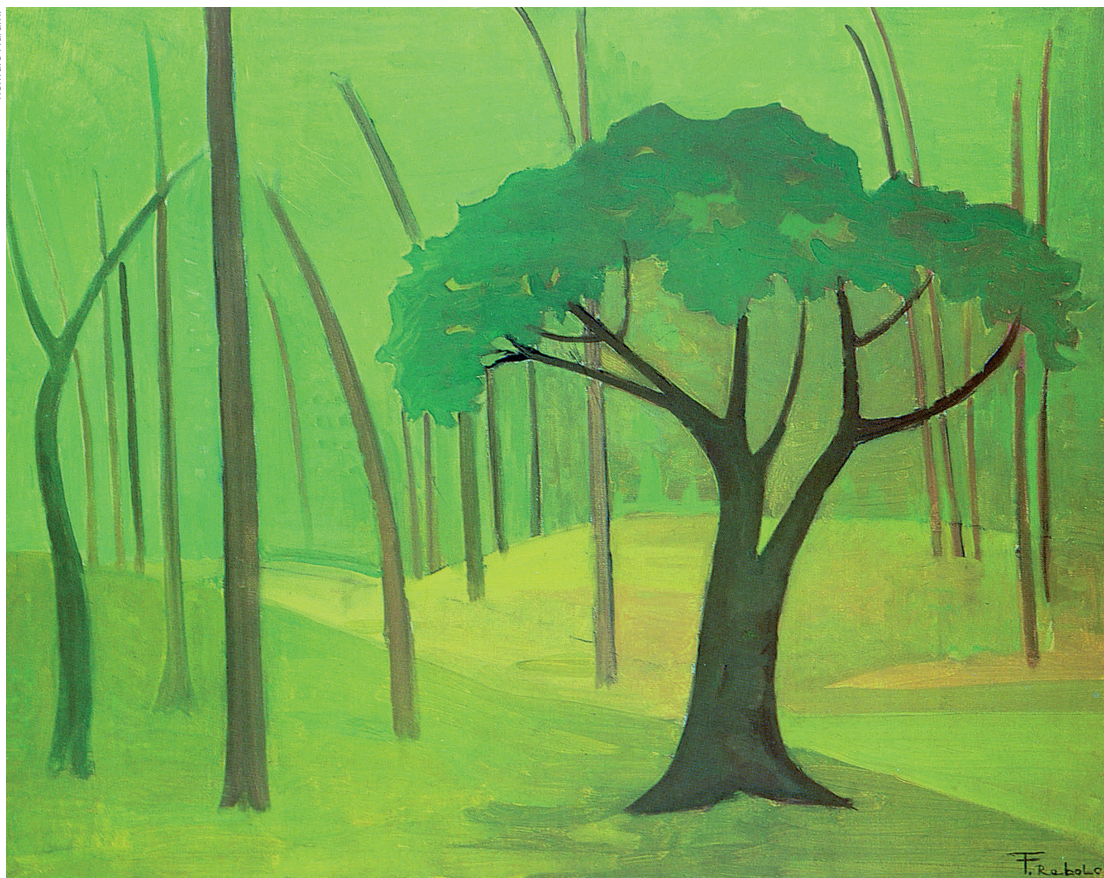
popular, algo novo e duradouro” (*Folha
da Manhã*, 25/10/1944). Rebolo está rea-
lizando sua primeira individual na Livra-
ria Brasiliense, recém-inaugurada na Rua
Benjamin Constant, n. 123.

Em 1952, Walter Zanini, reportando-se
ao trajeto percorrido pelo artista até aquele
momento, observa que Rebolo “fugia do
ambiente cosmopolita para ir buscar no
campo a atmosfera vibrante do ar livre
[...] fez o mesmo que os impressionistas,
sem o saber”. Ressalta que sempre teve
predileção pelos “verdes cinzentos”. Nas
suas telas, “a cor é sempre menos racional
que a forma” (*Tempo*, 14/9/1952).

Avançando no tempo, observaremos,
ainda nessa década, em 1957, Arnaldo



Bois e coqueiros, 1967. Óleo sobre tela, 66 x 48 cm. Coleção particular



Arvoredo, 1975. Óleo sobre tela, 57 x 73 cm. Coleção particular

Pedroso Horta analisá-lo como um pintor dos subúrbios, da vida tranqüila. É um “intérprete da atmosfera de São Paulo. Suas telas são documentos de nossa paisagem”, diz o crítico, recordando seu trabalho antes da viagem ao exterior. Rebolo regressara da Europa e exhibirá seus trabalhos, realizados nessa viagem de estudos, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Focalizando o artista, Quirino da Silva (no *Diário de S. Paulo*, 8/2/1959) lembra que Rebolo esteve na Europa, que recebeu o prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no Salão Nacional de Arte Moderna de 1954, e que, “durante dois anos, passeou a sua sensibilidade pelos museus, pelas exposições”. Esse crítico destaca que “o Rebolo

que voltou é o mesmo Rebolo humilde. Os grandes mestres o empolgaram. Com eles aprendeu muitas coisas [...]. E solidificou muito mais seu respeito pelo verdadeiro artista”. Em 1959, Rebolo participa do VIII Salão Nacional de Arte Moderna.

Sérgio Milliet, em junho de 1961, quando o artista expõe na galeria São Luiz, em São Paulo, salientando que sua personalidade artística é feita de “sutileza e matizamento”, observa que, na presente fase, ocorre “a simplificação das formas e o enriquecimento da matéria”. É uma fase em que a pintura “é informada pela gravura”, analisa Luís Coelho no texto de apresentação dessa mostra.

Na ocasião de uma exposição de guaches e desenhos na Associação dos Amigos



Paisagem com vaso de flores, 1976. Óleo com areia sobre tela, 46 x 32 cm. Coleção particular

Rômulo Fiadini



Paisagem (Rio Guaíba, Porto Alegre), 1977. Óleo sobre tela, 70 x 55 cm. Coleção particular

de Arte Moderna (Aamam, 1966), Arnaldo Pedroso Horta (*Jornal da Tarde*, 22/4/1966) informa ao leitor: “A presente série de trabalhos originou-se de um período em que, por motivos de saúde, era desaconselhado o convívio com os tubos de óleo e os seus dissolventes”. E complementa: “Quando teve a oportunidade de encarar o desenho como um meio de expressão [...] o artista libertou-se da dureza do traço, ganhando segurança, atirou-se à aventura pura da criação mediante simples linhas”. Arnaldo Horta destaca, também, que os guaches são a oportunidade para o artista dar vazão ao seu lirismo puro e conservar a liberdade. Conclui o texto observando que fazer arte, depois dos 60 anos, não é coisa comum.

Damos, agora, um salto para o ano de 1973, ano da retrospectiva no MAM de São Paulo, onde 350 obras – pinturas, desenhos e gravuras – são expostas. É um momento importante de avaliação dos 40 anos da trajetória do artista, pelos críticos atuantes na cena artística brasileira.

Paulo Mendes de Almeida, em texto no catálogo dessa retrospectiva, afirma que “suas paisagens trazem uma nota original na pintura nacional [...] As paisagens de Rebolo são poemas de amor, de identidade com o seu chão”. Jorge Amado, igualmente, no mesmo catálogo, destaca o artista como um “mestre numa geração de mestres”.

Roberto Pontual afirma que o predomínio da paisagem permanece intocado. Salienta seu lirismo bucólico de verdes se espalhando, e que a simplificação da forma surge ao longo do percurso (*Arte Brasil hoje – 50 anos depois*, 1973).

Mário Schenberg escreve: “Difícil compreender sua arte pela via intelectualista.

Ele é ‘um artista do futuro’”. O cientista e crítico de arte ressalta que “a arte tem importância prospectiva”. Para ele, naquele momento, havia necessidade de “uma nova aproximação com a natureza, da qual há séculos nos afastamos”. Schenberg insere sua análise na realidade social, e o que diz é absolutamente pertinente ainda hoje: “É questão de sobrevivência o reencontro do Homem com a Natureza”. Para Schenberg, em toda a trajetória de Rebolo acontece esse encontro do homem com a natureza. “A sua obra emana vibração vital da natureza. Sua arte é mágica, é apreensão do tempo-vida” (“Dados para um balanço crítico”, in *Rebolo: 100 anos*, 2002).

Um filme realizado pelo crítico e cineasta Olívio Tavares de Araujo, na ocasião dessa retrospectiva de 1973, registra a exposição e revela, no percurso do artista, a importância da natureza.

De fato, Rebolo tinha forte conexão com a natureza: foi viver na paisagem, mudando-se, em 1942, para o então deserto e longínquo bairro do Morumbi. E ali permaneceu até o final de sua vida, em meio aos verdes, que ainda existiam no bairro, no tempo em que faleceu (10 de julho de 1980).

Muitas exposições de sua obra aconteceram depois de 1973, com ele ainda vivo e após seu falecimento. Outra retrospectiva teve lugar no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2002, comemorando os 100 anos de seu nascimento. Sua obra motivou ensaios como o de Elza Ajzenberg e o de Carlos Soulié do Amaral, que estão publicados no livro sobre o artista, lançado pela Edusp e Imprensa Oficial do Estado, nesse mesmo ano. Com distância histórica, ainda outros especialistas analisaram a contribuição de Rebolo em seu trajeto de vida.

